



SINDICALISMO (ferroviário) : Declínio ou crise ?

(para reflexão)

CAPÍTULO VIII - A **- NA HORA DA MUDANÇA -**

Mas algumas dúvidas permanecem ainda. Se os sindicatos já passaram por tantas dificuldades e períodos de recuo e crises, já foram tantas coisas, serviram a tantos fins, foram instrumento de tantas lutas diferenciadas, agruparam tão variados tipos de categorias, estiveram inseridos em tanta contestação política e económica, a nível empresarial, diferente, porquê traçar agora uma fronteira tão radical a partir da qual até se prevê a sua liquidação ? Porque não se pensar em termos da organização de trabalhadores, estabelecer continuidades organizadas , suprir rupturas , mover novas práticas , formalizar intenções e reconhecer transformações ?

Concluindo, há a destacar aqui cinco alíneas e oito pontos que são fundamentais interpretar na prática :

- a) É necessário tentar fazer uma aproximação à politização da classe sindical, sob pena de um claro isolamento . A vida tem-nos demonstrado que não basta o sindicalismo lutar pelas questões imediatas, económicas e corporativas ; é preciso alterar as forças nos postos de comando do país para garantir as conquistas duradouras para a classe. Também não basta eleger governos identificados com os anseios dos trabalhadores; que o poder da "ditadura do mercado" é violento. Ambos ensinamentos reforçam ainda mais a necessidade de se forjar um sindicalismo que politize a classe e interfira nos rumos políticos do país. Sem mudanças estruturais não haverá desenvolvimento, soberania e valorização do trabalho. Sem um sindicalismo protagonista da luta política não haverá as urgentes mudanças estruturais.
- b) É necessária uma organização na base. Não existe sindicalismo forte sem sólidas representações nos locais de trabalho. As empresas sabem disso e usam todos os recursos para evitar esse enraizamento; não querem permitir o duplo poder no coração da exploração . O último ciclo político, pós-eleitoral , aberto no país, criou uma hipótese possivelmente, para fortalecer o sindicato na base. Mas, contraditoriamente, também coloca armadilhas. Governos de origem mais popular sempre representam o risco de lideranças, da institucionalização dos sindicatos . Este último ciclo político só trará saldo positivo se a organização nacional sindical for encarada como prioridade máxima do sindicalismo, em palavras e actos .
- c) É necessária uma formação sindical adequada. A ofensiva empresarial nos últimos anos quase estagnou os sindicatos. Entre outros malefícios, houve um natural envelhecimento das direcções sindicais, fruto da defesa das nossas lutas e do esvaziamento das entidades ou disponibilidades. O investimento em formação deverá ser hoje uma prioridade e deve ser tratada como emergência. De contrário, os sindicatos não expressarão as novas realidades do trabalho, inclusive com o crescente ingresso de jovens, e não terão como dar respostas ao complexo debate de ideias que permeia a sociedade e os próprios locais de trabalho – onde o patronato disputa a mente do trabalhador recém chegado .
- d) É necessária uma unidade coesa . A acção da UGT , muito particularmente, e a dos sindicatos que a integram , não tem sido de entendimento, e isso é claro e obviamente aproveitado pelo patronato . Para interferir nos rumos do país não basta parece-lo ! É preciso sê-lo . A unidade na classe é indispensável. O novo quadro político abre uma nova possibilidade inédita na história do reconhecimento das centrais como instrumento de horizontalização e unificação da classe. Por outro lado, o complexo quadro actual provoca certa fragmentação dos organismos dos trabalhadores, o que poderia ser um desastre. O sindicato é um instrumento de frente única no qual se expressam diferentes concepções sindicais. A sua força reside exactamente na garantia da unidade na diversidade. Atitudes como a da UGT, de completo alheamento para com determinados sindicatos, possivelmente pela sua expressão , dá uma imagem negativa para as entidades "puras", e acaba por fragilizar a capacidade sindical. Hoje, mais do que nunca, é preciso fortalecer a unidade, garantindo a democracia interna, sua autonomia diante da empresa e imprimir-se uma marca de classe .

... continua

VirManCarOli
Outubro 2006

Reservado os direitos de autor : na cópia, divulgação e publicação .

ADERE AO SINFA

Sede : Largo das Olarias, 19 – 2.º esq-º 1100 – 376 Lisboa
Contribuinte : 501 094 318 - Tel. 21 887 1642 / Fax 21 886 4885
E-mail's : sinfalis@sapo.pt / sinfalx@sapo.pt
Site : <http://sinfa.no.sapo.pt>